

pendular

AVISO

EDIÇÃO 4/4
LISBOA-MADRID
GRATUITO

Papel 100%
reciclado

SPOTIFY FINANCIA MAQUINA DE GUERRA

O fundador e diretor-executivo do Spotify, Daniel Ek, é o principal investidor numa nova empresa de guerra alemã, a Helsing, uma empresa de armamento e tecnologia militar focada no desenvolvimento da inteligência artificial nos arsenais europeus - 02

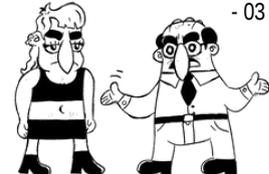
ISRAEL INSTRUMENTALIZA AS VIDAS LGBTIQ+

Ao mesmo tempo que se apresenta como a única sociedade segura para a comunidade LGBTIQ+ no Médio Oriente, Israel exerce violência, chantagem e vigilância sistemática contra pessoas queer na Palestina, instrumentalizando a sexualidade como arma de ocupação - 03

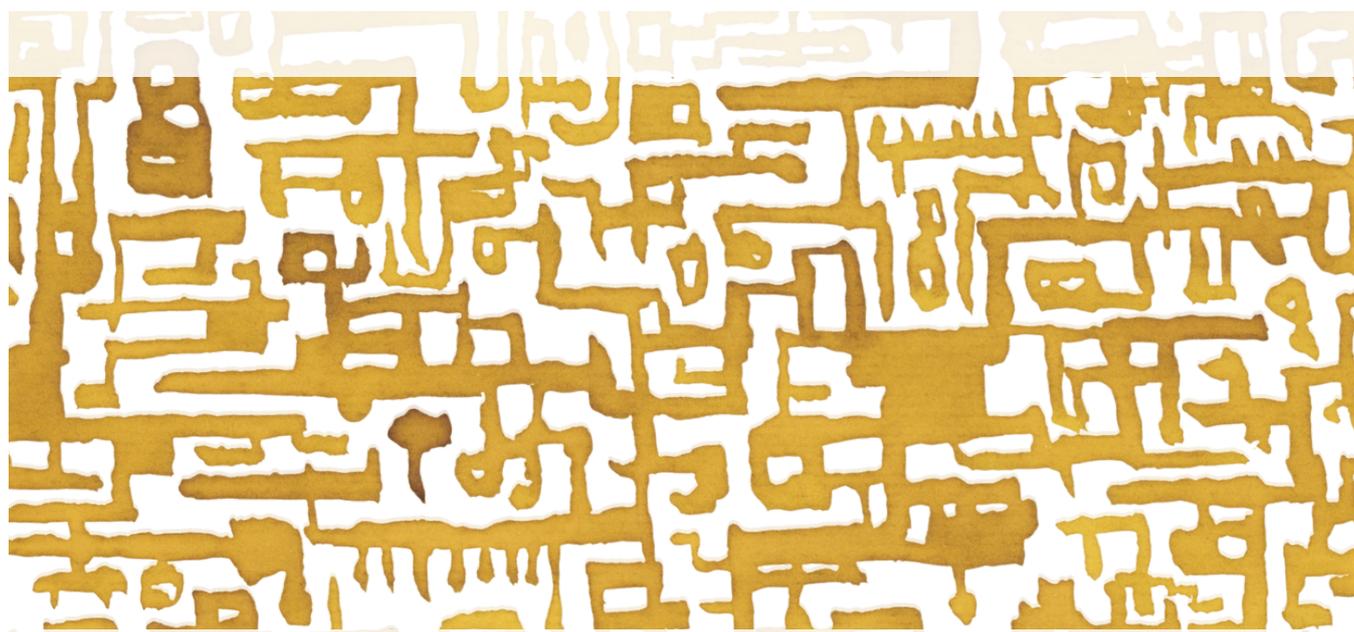
O QUE SERÁ A UNI- DADE DA TERRA?

Usando a retórica da luta contra o terrorismo, os incidentes violentos ocorridos em 2008 em Sinkiang serviram de pretexto às autoridades para iniciar uma esmagadora campanha de repressão contra a população uigur - 05

Rojelia y Tito Detrito



- 03



QUE LUZ É ESSA?

Com todas as contradições, talvez estejam a dizer, que hora talvez seja esta, a de que de novo o espírito do passado, sempre presente, de plenificar a vida, guie a marcha das comunidades a um alvorecer que em que seus mundos caibam e tenham lugar nas suas terras - 04

RELÂMPAGO! LUTA DE CLASSES, ALLEZ!

Na mesa do restaurante, entre nódoas de gordura e salpicos de imperial, estavam desenhados à mão cerca de 30 emblemas possíveis na toalha de papel típica das tascas. Ainda no solar percebi que estávamos unidos em torno de uma ideia: criar uma associação que usasse o desporto como pano de fundo para reclamar a transformação política e social e para reclamar o nosso direito à rua, ao espaço comum - 06

SOMOS A MOSCA NA SOPA

Precisamos que toda a gente converse entre si para conseguirmos ocupar todos os espaços e podermos ser nós a decidir sobre as nossas vidas, muito além dos nossos locais de trabalho, muito além das nossas famílias, muito além das nossas bolhas. É preciso ir ao encontro dos outros. Mais e mais gente amiga se ia juntar - 06

O QUE EXISTE ALÉM DO BUNKER?

Talvez não devêssemos perguntar como ser mais visíveis. Mas sim: como é que desaparecemos bem? E depois disso: como reaparecer onde o sistema treme? Porque talvez o desafio seja esse: reorganizar, invisibilizar a luta quando o espectáculo a neutraliza, mas também aprender a aparecer no momento certo, com outros métodos, mais eficazes e difíceis de domesticar - 04

aviso pendular

Com tanto material audiovisual já a circular por tudo quanto é sítio, porquê mais um? A resposta, para quem quer tomar as rédeas do seu próprio destino, é mais fácil do que parece.

O nosso dia-a-dia não nos pertence por completo. Passamos horas e horas a trabalhar e outras tantas a tentar encaixar o que queremos com o que parecemos. Como desistir de pôr em prática a ideia de nos livrarmos destas regras em que vivemos? Ter uma educação formal, arranjar um bom emprego, casar, reproduzir a espécie: quando é vamos fazer estas e outras coisas porque realmente nos apetece? Desistir não vale a pena, realmente.

E como organizar a destruição da sociedade em que vivemos sem conversarmos um pouco antes? Não sabemos que forma terá a nossa emancipação, nem sequer temos a certeza de que ela terá lugar algum dia. Mas, da mesma forma, deixamos essa possibilidade em aberto. Talvez algum dia deixemos de ter que trabalhar horas a fio para poder comer, alugar uma casa e passar uns dias de férias algures, se der. Talvez algum dia chegue o momento em que cada qual será livre de fazer o que bem entende com a sua própria vida, sem que isso incomode quem quer que seja. E, para isso, precisamos de falar, trocar umas ideias. Talvez?

A nossa emancipação, se a alcançarmos algum dia, destas vidas que temos que não são bem nossas, será obra das nossas próprias mãos. Não vai depender de mais ninguém nem de nenhuma cartilha. O que esperamos é que apareça uma multidão de forças, mesmo que assumidamente pequenas como a nossa, nesta vontade de pôr a conversa em dia. Esta vamos tê-la numa terra comum, a península ibérica. É aqui que vivemos e agora que nos apetece conversar. Mas podia ser em qualquer lado e noutro momento qualquer!

SPOTIFY FINANCIA MÁQUINA DE GUERRA

O fundador e diretor-executivo do Spotify, Daniel Ek, é o principal investidor numa nova empresa de guerra alemã, a Helsing, da qual também é presidente. Em 2021, Ek investiu mais de 100 milhões de euros na empresa, e já em 2025 encabeçou uma nova ronda de financiamento no valor de mais de 600 milhões. A Helsing é uma empresa de armamento e tecnologia militar focada no desenvolvimento da inteligência artificial nos arsenais europeus. Para além da tecnologia de IA, fabrica drones e planadores subaquáticos.

Tudo indica que será um investimento lucrativo, pois neste ano o governo alemão anunciou um aumento astronómico no orçamento militar, e o mesmo promete-se por toda a União Europeia. Os investidores salivam: o investimento privado nesta área quintuplicou nos últimos seis anos, de acordo com um relatório do Fundo de Inovação da NATO, tendo atingido um recorde

de 5,2 mil milhões de dólares em 2024. A missão da Helsing, dizem no seu site, é “proteger as nossas democracias”. As “democracias” estão em perigo, é o que nos pregam aqueles que lucram com a morte e a miséria alheias. E por isso é preciso causar o pânico e reprimir.

É este mesmo autoproclamado “mundo livre” que patrocina à luz do dia um atroz genocídio em Gaza. Os governos europeus continuam a apoiar económica, política e militarmente o estado israelita – a Alemanha, por exemplo, vendeu-lhe armas no valor de 250 milhões no primeiro semestre de 2025 –, enquanto aumentam os ataques ao movimento pró-Palestina e anti-genocídio. No Reino Unido, o grupo Palestine Action, que defende parar as exportações de armas britânicas para o estado genocida, foi oficialmente categorizado como uma organização terrorista, tendo já resultado na prisão de vários dos seus militantes.

RZ

PRESAS POR FAZER SINDICALISMO

As “seis da Suíza” entraram no dia 10 de julho na prisão, condenadas por fazer sindicalismo, por defender uma trabalhadora com uma gravidez de risco que tinha denunciado assédio laboral e sexual no seu posto de trabalho na pastelaria La Suíza, na cidade asturiana de Gijón.

Sobre as acusadas pesam duas condenações: uma de dois anos de prisão pelo crime de coacção grave e outra de um ano e seis meses adicionais por um crime contra a administração da justiça, pelas condenadas terem tentado chegar a um acordo com o empresário. O juiz considerou que reunir-se à porta de um negócio para informar os potenciais clientes sobre as condições laborais constitui coacção, passível de uma indemnização de 125.428 euros e de dois anos de prisão. O pedido de suspensão da pena de prisão foi indeferido, além do mais, porque o juiz de turno considerou que não existia arrependimento por parte das condenadas, por ter sido o sindicato CNT a pagar a indemnização ao empresário. Esta decisão foi tomada contra o posicionamento da defesa e do Ministério Público, que não se opunham à suspensão da pena de prisão.

Após uma semana na prisão, e devido às mobilizações populares em várias cidades espanholas, foi-lhes concedido o regime prisional aberto, embora continuem condenadas e tenham de ir dormir todos os dias à prisão. O empresário voltou a abrir a pastelaria em Oviedo, depois de justificar que as acções sindicais da CNT o obrigaram a transferir o negócio devido às perdas causadas, quando está demonstrado que o local onde se encontrava a pastelaria estava já à venda quase um ano antes dos factos ocorrerem.

RGB

TRABALHO DOMÉSTICO: É PAGO, MAS CONTINUA A SER FEITO POR MULHERES

Muitas das tarefas domésticas e de cuidados são agora desempenhadas por trabalhadoras domésticas, sendo, portanto, trabalho pago. Mas, segundo um relatório de 2023 da Organização Internacional do Trabalho sobre o trabalho doméstico, cerca de 75% do trabalho deste sector é feito por mulheres. O sector do trabalho doméstico e de cuidados, segundo o mesmo relatório, está claramente segregado por género: enquanto as mulheres costumam fazer trabalhos de limpeza e de cuidados a outras pessoas, os homens, que representam cerca de 25% do sector, costumam trabalhar em tarefas de cozinha, condução, segurança e manutenção e construção.

De acordo com outro relatório também da OIT, apelando a ambientes de trabalho mais seguros e saudáveis, alerta-se que o trabalho doméstico tem muito mais informalidade e menos segurança laboral do que outros sectores. A percentagem de emprego informal é superior a 80% no sector, enquanto a média geral dos outros sectores, a nível mundial, é de 40%. Isto deve-se em parte ao facto de muita gente migrante trabalhar neste tipo de tarefas, domésticas e de cuidados. O trabalho doméstico tem vindo a ser associado às mulheres e sobre elas sempre recaiu a responsabilidade de o realizar nas suas próprias casas. Mas mercantilizar este sector, transformando estas tarefas em trabalho pago, não significou uma mudança de paradigma quanto a quem as realiza. Que os cuidados saiam do âmbito doméstico quer dizer que cantinas, creches ou lavandarias possam ser espaços de cada bairro, socializados pela vizinhança e partilhados por todas as pessoas.

NR

ISRAEL INSTRUMENTALIZA AS VIDAS LGBTIQ+

Ao mesmo tempo que se apresenta como a única sociedade segura para a comunidade LGBTIQ+ no Médio Oriente, Israel exerce violência, chantagem e vigilância sistemática contra pessoas queer na Palestina, instrumentalizando a sexualidade como arma de ocupação.

A jornalista Theia Chatelle, num artigo para o Drop Site, revelou numerosos casos de pessoas queer na Cisjordânia que foram espiadas por agências de segurança israelitas como o Shin Bet e a Unidade 8200, e depois chantageadas, através de aplicações como o Grindr, para se tornarem informadoras. Sob ameaça física e de revelação da sua identidade sexual às suas comunidades, foram forçadas a fornecer informação sobre activistas ou pessoas do seu círculo.

Na Palestina, a lei não criminaliza a homossexualidade, mas socialmente continua a ser um tabu. Já em 2013, a Vice noticiou que a Autoridade Palestiniana actuava sob a direcção do exército israelita para chantagear pessoas LGBTIQ+, com o mesmo procedimento. Organizações queer palestinianas como a Al Qaws condenaram estas práticas como parte integrante do sistema colonial e opressivo que Israel impõe sobre a Palestina.

Ao mesmo tempo, milhares de pessoas queer palestinianas vivem em Telavive em condições precárias, sem direitos nem protecção legal, presas entre a homofobia social do seu meio de origem e o racismo e homofobia institucionais do Estado israelita.

Israel apropria-se do discurso LGBTIQ+ internacional enquanto utiliza as identidades queer como ferramenta de dominação colonial, numa estratégia racista de "pinkwashing" que pretende erguer-se como contraponto a uma Palestina acusada de homofóbica, que utiliza para justificar o genocídio. AG

GOVERNO DE DIREITA E CONSERVADORES, COM APOIO DE LIBERAIS E NEOFASCISTAS APROVA LEIS RESTRITIVAS E REPRESSIVAS A MIGRANTES POBRES EM PORTUGAL

O governo de Direita-Conservador da coligação PSD e CDS, apresentou medidas legislativas restritivas ao direito de entrada de trabalhadores migrantes pobres no país e da sua permanência no território nacional, e aumentou medidas repressivas de controlo de fronteiras externas. E na concessão de entradas, só serão concedidos vistos a trabalhadores considerados "altamente qualificados", com prazo de seis meses.

No que toca aos seus direitos de liberdades e garantias, o reagrupamento familiar, só será possível após dois anos da atribuição da autorização de residência. Hoje não existe tempo mínimo. Além disso, a proposta também exige que quem solicita o reagrupamento familiar que os familiares aprendam a língua portuguesa e os "princípios e valores constitucionais" para obter a autorização.

Outras das medidas aprovadas, é a adoção do Sistema de Entrada e Saída, que passa a registar dados biométricos de cidadãos de países terceiros, sejam eles isentos ou sujeitos à obrigação de visto. Junto a esta proposta, foi aprovado a criação de uma unidade especial de fronteiras dentro da Polícia de Segurança Pública (PSP). Entre as responsabilidades da

nova unidade, estarão controlar as fronteiras aeroportuárias e atribuir vistos nessas instalações, controlar a permanência de cidadãos estrangeiros em Portugal, gerenciar os processos de expulsão coerciva, readmissão e retorno voluntário de estrangeiros. Também serão responsáveis por administrar os centros de acolhimento temporário de imigrantes nas fronteiras.

Para setembro, está pendente de votação em plenário a proposta de alteração da Lei da Nacionalidade. O projecto prevê o fim do direito automático à cidadania por nascimento para filhos de imigrantes. Hoje, a nacionalidade portuguesa é concedida automaticamente a filhos de migrantes nascidos em Portugal em que um dos progenitores tenha residência regular mas, com a mudança, só poderá ser solicitada se o estrangeiro comprovar pelo menos 3 anos de residência legal antes do nascimento do filho. Outra mudança relevante é o aumento do período de residência mínima exigido para solicitar a nacionalidade portuguesa, que passará de 5 para 10 anos. Além disso, o projeto prevê que imigrantes naturalizados poderão perder a cidadania caso sejam condenados por crimes graves. CRM

GREVES EM CÁDIZ E CARTAGENA

Há pessoas que compreendem (e outras que não) que as lutas de classes em Portugal no período anterior ao revolucionário de 1974-75, estiveram antes de tudo e principalmente dominadas pelas lutas anti-coloniais mas também pelo enfrentamento directo entre os operários revolucionários, organizados em assembleias autónomas, e a burocracia estalinista enriquecida por generais derrotados.

Esta dinâmica não cessa no presente momento das lutas de classes em Cádiz e Cartagena. Partidos e sindicatos oficiais reprimem as greves dos estivadores dos portos de ambas cidades, por não aceitarem um acordo colectivo que vai contra os seus e portanto nossos interesses.

Operários em luta são presos e as suas manifestações violentamente reprimidas, por lutarem por outra vida e perguntarem, simplesmente:

- Estamos realmente vivendo? Podem os nossos dias ser chamados de vida? Quando é que descobriremos que cada ano que passa é mais um ano de vida mandado para o lixo?

A miséria em que transformam as nossas vidas não pode ser combatida através das instituições da miséria: os parlamentos, os sindicatos, os gestores do sistema em que vivemos. Ninguém pode fazer essa luta por nós. NR

Rojelia y Tito Detrito



Nos meses de junho e julho deste ano 2025, assinalam-se e comemoram-se a independência de meio século de Libertação de 4 hediondos séculos de jugo colonial de alguns países africanos, então ocupados e colonizados pelo Reino e República Imperial Portuguesa (Moçambique, 25/06/1975; Cabo-Verde, 05/07/1975 e São Tomé e Príncipe, 12/07/1975).

Passados meio século da Libertação, estes países, para além das condicionantes do exercício de poder pelo humano e outras tantas mais condicionantes, nomeadamente da continuidade colonial nas suas diversas formas de se fazer persistir (mais ou menos subtil), debatem-se com o desafio da eficácia da construção e constituição de uma forma de organização política, em que a sua matriz assente na cosmovisão das suas comunidades. O ideal de Libertação que guiou os seus povos constatou o corte que a presença europeia em boa parte foi forçando neste aspecto, e inconformado com esse esforço de separação, calibrou-se dele e projectou uma sociedade que se construiria e constituir-se-ia com base na especificidade e particularidade no modo de ver e estar no mundo e na vida. A verdade é que o passar dos anos, a par da de todas as ingerências internas e externas, fê-lo esmorecer. O economismo dominante, que submete o mundo e os seus recursos à exploração frenética em benefício de uma minoria, hoje vinga e molda a orientação e o modo de estar, não só das estruturas políticas enxertadas que aí governam, como a perspectiva das suas

gentes, procurando instalar uma visão invertida do humano, que primazia a quantidade sobre a qualidade, o ter sobre o ser.

O desafio premente hoje, das comunidades-Estado libertas a meio século do jugo colonial, ponta de lança do Capitalismo, assim como de todas outras com passado e presente colonial, talvez seja, em primeiro passo, o de resgatar e ou reconectar-se com a sua cosmovisão, capaz de orientar a sua fixação no mundo, de emanar princípios da sua relação com a vida, consigo e com outros, e descobrir, na validade dessa outra visão de mundo, formas de afirmar sociedades cuja construção e prosperidade se estabeleça na autenticidade e independência do humano.

Na actualidade, de algum modo, no curso dos últimos acontecimentos, sobretudo a nível institucional e de algum discurso, é esse o desafio que estão a enfrentar em alguns países do chamado Sahel (região que separa o deserto do Saara das florestas tropicais da África subsaariana, que o Atlântico ao Mar Vermelho), mais concretamente no Sahel Ocidental, nomeadamente no Mali, o Burkina Faso e o Níger.

O governo destes três países iniciou, nos últimos três anos, processos de transformação institucional, política e económica que se estão a distanciar da ingerência e influência do sempre persistente estado imperial e colonial francês, que colonizou a região anteriormente. Estes três países, abandonaram a

QUE LUZ É ESSA?

Comunidade de Desenvolvimento dos Estados da África Ocidental (CDEAO), por considerarem-na subserviente e subordinada aos interesses das potências imperiais e fundaram, em 2023, uma Organização regional - Aliança dos Estados do Sahel (AES).

O novo governo do Mali, nacionalizou as minas de ouro. No Burkina Faso, o novo governo resultante de uma junta militar com apoio popular, expulsou em Setembro de 2022, as tropas francesas presentes no país, assim como nacionalizou as minas, criou bancos públicos e preparou medidas para se desvincular da moeda colonial francesa, franco CFA. O governo tem reivindicado a tradição anti-imperialista e anticolonial de figuras históricas do pan-africanismo, como Thomas Sankara, de Burkina, e Patrice Lumumba, do Congo.

No Níger, fornecedor da maior parte da do urânio consumido em França, as medidas adoptadas têm semelhante a dos parceiros da Aliança.

Os governos destes três países, com todas as contradições, talvez estejam a dizer, que a hora talvez seja esta, a de que de novo o espírito do passado, sempre presente, de plenificar a vida, guie a marcha das comunidades a um alvorecer que em que seus mundos caibam e tenham lugar nas suas terras.

Carlos Rafael Teixeira

O QUE EXISTE ALÉM DO BUNKER?

As lutas estão em todo o lado: nos feeds bem editados, nos stories com frases feitas entre o brunch e o burnout. Há protestos convertidos em eventos sociais, hashtags vendidas como identidade, revoluções que cabem num carrossel de Instagram. Há likes, há camisolas, há tote bags com «No gods no masters» impressos a tinta vegana. E depois? Depois nada se move. Porque a visibilidade, que parece ser tudo, é muitas vezes «o fim da linha».

O Critical Art Ensemble (CAE), colectivo de artistas e activistas digitais dos anos 90, alertava no livro *Desobediência Civil Electrónica* que o poder já não vive nas ruas, nos parlamentos ou nas fábricas. Deslocou-se para os circuitos invisíveis da informação. Enquanto se encenam protestos nos velhos palcos, o público já abandonou. A desobediência civil tradicional perdeu força porque o poder aprendeu a antecipá-la: «O poder já sabe os passos de dança.» Hoje, essa dança circula em reels e tiktoks, com filtros e sons trendy. A revolta é espectáculo e,

por isso, exige performance. A câmara está sempre ligada, e quando a câmara está ligada, a espontaneidade morre.

Vivemos cercados por muros invisíveis, aprisionados num bunker moderno, feito de normas, algoritmos, contratos, termos e condições que raramente se questionam. Mantém a vigilância constante e promove o conformismo. O CAE chama a atenção para esta nova arquitectura do controlo e propõe que a resistência não seja frontal nem visível, mas marginal, fugaz e descentralizada.

No capítulo «Resistir ao bunker», o grupo propõe uma desobediência electrónica silenciosa: uma revolução que não grita, mas que se infiltra através de gestos discretos. O sistema já sabe absorver a revolta visível, transformando-a em parte da sua própria engrenagem. Está sempre pronto a adaptar-se. A resposta eficaz passa por acções que escapem ao radar – pequenas recusas que não podem ser assimiladas.

A ideia de resistência nómada surge como alternativa. Em vez de confrontos directos, são sugeridas micro-acções diárias que, embora discretas, provocam fissuras constantes no sistema. Cada escolha, por mais insignificante que pareça, torna-se uma brecha, um ponto de erosão. Quando essas escolhas se multiplicam, criam uma rede de resistência que enfraquece a estrutura do bunker. A proposta não passa por grandes actos heróicos, mas por uma persistência contínua na recusa das normas estabelecidas.

Por isso, talvez não devêssemos perguntar como ser mais visíveis. Mas sim: como é que desaparecemos bem? E depois disso: como reaparecer onde o sistema treme?

Porque talvez o desafio seja esse: reorganizar, invisibilizar a luta quando o espectáculo a neutraliza, mas também aprender a aparecer no momento certo, com outros métodos, mais eficazes e difíceis de domesticar. Talvez seja essa a arte a dominar: saber quando recuar e quando quebrar o silêncio e levantar a voz.

Madalena Simões Leitão

O QUE SERÁ A UNIDADE DA TERRA?

Os uigures são uma das etnias muçulmanas mais importantes da China. Tanto a prática da sua religião, o Islão, como o uso da sua língua, o Uigur, são partes muito importantes da sua identidade. São uma etnia túrquica originária de Sinkiang, no nordeste da actual China.

Historicamente têm sido sempre uma minoria reprimida pela cultura chinesa, desde a época imperial até ao período actual da República Popular da China (R.P.C.). Mas desde a chegada ao poder de Xi Jinping, em 2015, as políticas de repressão aumentaram, chegando alguns países muçulmanos e ocidentais a denunciar a existência de um genocídio contra o povo uigur. O governo da R.P.C. negou tais acusações. Em 2022, numa avaliação do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos, a organização declarou que as políticas e acções da China na região de Sinkiang podem ser consideradas crimes de lesa-humanidade.

Segundo este relatório e outros proporcionados por organizações de defesa dos direitos humanos, o governo chinês reprime duramente os uigures. Com o objectivo de reduzir a proporção da população uigur, maioritária na Região Autónoma de Xinjiang, favoreceu-se o assentamento de população da etnia Han (maioritária na China) nesta região. Isto foi feito dando prioridade à população han em relação à uigur na oferta de postos de trabalho, o que obrigou muitas pessoas uigures a procurar emprego fora de Sinkiang. Chegaram a ver-se cartazes com “Abstenham-se uigures” em algumas ofertas de emprego. Juntamente com esta pressão migratória dentro da região, o governo continua a exercer uma considerável pressão sobre as jovens uigures para que emigrem para outras partes do país, como forma de promover uniões mistas. As autoridades chinesas aplicam também uma política linguística que se apresenta como ensino bilingue na região, mas que transformou o mandarim na única língua usada no ensino. Começou-se por suprimir o uigur como língua na docência universitária, permitindo-o apenas em disciplinas de poesia uigur. Foram acrescentadas medidas adicionais que fizeram do mandarim a principal língua de ensino nos níveis pré-escolares, despediram-se professores uigures e passou-se à imposição de multas a alunos e docentes que usassem a língua uigur dentro das instalações escolares. As autoridades impõem ainda um controlo rigoroso sobre as mesquitas e o clero, intervindo na nomeação dos imãs e enviando polícia para dentro e os arredores das mesquitas. As pessoas que trabalham para o governo na região arriscam-se a perder o emprego se participarem em actividades religiosas e os menores podem ser expulsos dos estabelecimentos de ensino.

Usando a retórica da luta contra o terrorismo, os incidentes violentos ocorridos em 2008 em Sinkiang serviram de pretexto às autoridades para iniciar uma esmagadora campanha de

repressão contra a população uigur, com milhares de detenções, julgamentos sumários e condenações de pessoas destacadas desta etnia. Foram impostas penas de até 10 anos de prisão a escritores, poetas e activistas em geral. Algumas confissões foram obtidas mediante tortura, por vezes infligida na presença de familiares próximos. Aumentaram-se os controlos nas ruas dirigidos à população muçulmana, assim como a vigilância intrusiva e as detenções arbitrárias. O doutrinação político e a assimilação cultural forçada são implementados em massa em centros de internamento que têm como alvo as etnias uigur, cazaque e outras comunidades muçulmanas da região. Primeiro foram detidos familiares de pessoas destacadas pelas suas actividades no estrangeiro.

Seguiram-se desaparecimentos de estudantes matriculados em universidades de países maioritariamente muçulmanos. Viajar para estudar, especialmente com destino a países muçulmanos, tornou-se motivo de suspeita para o governo chinês, que ameaça as famílias dos estudantes para os obrigar a regressar. Chegou mesmo a exigir a deportação de estudantes de países como o

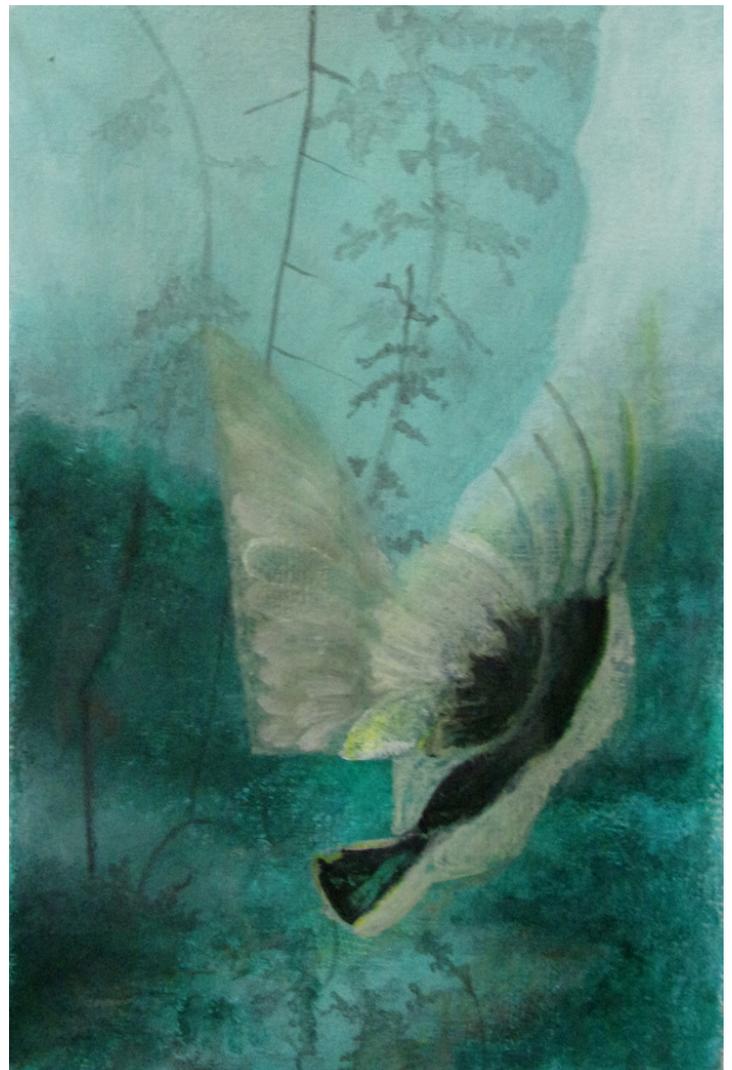
Egipto. De forma geral, o contacto com pessoas fora da R.P.C. representa um claro motivo de suspeita para as autoridades chinesas. Para evitar isso, muitas pessoas uigures, cazaques e residentes de Sinkiang cortaram os laços com familiares e entes queridos que vivem no estrangeiro. Toda a população pode ser sujeita a uma “transformação”. Não foi tornada pública uma lista dos critérios específicos para determinar quem deve ser detido. Em alguns locais, foram divulgadas listas de “sinais de extremismo” e “actividades religiosas ilegais”, que incluem deixar crescer uma barba “anormal”, usar véu ou lenço na cabeça, rezar regularmente, jejuar, evitar o álcool ou possuir livros ou artigos sobre o Islão ou a cultura uigur. Existem até relatos e rumores que indicam que, pelo menos em certos locais, as au-

toridades poderão estar a deter pessoas de forma indiscriminada para cumprir quotas mínimas de detenções.

As detenções também provocam a separação de crianças dos seus pais ou mães. As mais velhas podem ser enviadas para centros de formação profissional estatais, enquanto as mais novas acabam em grandes “centros de bem-estar”, ignorando os pedidos de familiares que reclamam a sua custódia. Inicialmente, o governo chinês negou a existência destes centros, mas foi forçado a reconhecê-la perante a evidência acumulada por várias organizações a favor dos direitos humanos. As autoridades chinesas apresentaram estes centros como centros de formação e capacitação profissional, embora na realidade funcionem como instalações onde se tenta substituir a crença religiosa e a identidade étnica por uma lealdade política secular e patriótica. As condições nestes centros são extremamente duras, existe sobrelotação, insalubridade e maus-tratos frequentes; qualquer acto de desobediência é severamente punido, e o uso de tortura, especialmente o uso da “cadeira do tigre”, onde a pessoa é amarrada durante horas ou até dias, é utilizado habitualmente para submeter os detidos.

Raúl Granados B.

MONTANHA



Alba Gómez

RELÂMPAGO! LUTA DE CLASSES, ALLEZ!



Mais gente quer um clube

Quando em 2019 me falaram da possibilidade de criar o que viria a ser “O Relâmpago” (Associação Desportiva e Recreativa “O Relâmpago”) não quis acreditar: “Há mais gente a querer fazer um clube?”. Ainda sem nome, reuni pela 1ª vez no Solar dos Mouros (no início da Rua do Poço do Mouros). Na mesa do restaurante, entre nódoas de gordura e salpicos de imperial, estavam desenhados à mão cerca de 30 emblemas possíveis na toalha de papel típica das tascas. Ainda no solar percebi que estávamos unidos em torno de uma ideia: criar uma associação que usasse o desporto como pano de fundo para reclamar a transformação política e social e para reclamar o nosso direito à rua, ao espaço comum. Outra questão importante, foi também reclamar o nosso direito a não fazer nada, aliás a fazer tudo. Reclamar por um espaço físico e psicológico de abstração, de convívio, reclamar por um “sítio” para a libertação, para

o excesso, para o erro e para reclamar o direito ao imprevisto sem preconceito. Aí, percebi que o nome estava a ser colocado em cima da mesa: Relâmpago. Uma homenagem ao extinto Relâmpago FC, um dos vários clubes da zona do Beato que apareciam e desapareciam ao ritmo do fecho e abertura de fábricas (ainda hoje, no nosso aniversário, voltamos ao local onde era a sede deste clube, nas traseiras de uma mercearia).

Fundação, ciclistas e lágrimas

Com a pandemia no início de 2020, a fundação oficial foi sendo adiada. Ficámos com mais tempo para preparar o arranque da associação mas a vontade de aparecer era muita, não só nossa mas também das pessoas que a pouco a pouco iam sabendo do projeto. A vontade de pertencer era enorme e percebemos desde aí que estávamos no bom caminho. Logo no primeiro ano de atividade percebemos que já tínhamos perdido o

controlo, e ainda bem, já não conhecíamos todos os nomes na lista de sócios e as t-shirts do Relâmpago espalhavam-se pela cidade e apareciam nos sítios mais improváveis.

Quando fizemos, toda a gente e não só o núcleo de fundadores, a primeira Subida da Rampa do Vale de Santo, percebemos que tínhamos nas nossas mãos um poder imenso. Juntamente com o Mirantense FC, recuperámos uma prova de ciclismo mítica da cidade de Lisboa que havia sido interrompida nos anos 50.

Com a força do bairro reerguemos a prova e demos o impulso que faltava para o Mirantense voltar a ser um dos centros da freguesia.

Estarão a mentir se alguns fundadores disserem que não choraram nesse dia. Nessa manhã, vindos não sei de onde, grupos de pessoas e de ciclistas responderam massivamente ao apelo de voltar a fazer das ruas nossas.

Lembro-me de estar a tirar imperiais e comentar em lágrimas com outro fundador: “Já está, saiu do nosso “controlo”. De onde é que veio esta gente toda?!”

Passados 4 anos ainda não parece real (a fundação oficial passou para maio de 2021). Durante esse período organizámos 4 provas de ciclismo (Subida da Rampa do Vale de Santo António), montámos 2 equipas de futsal (feminina e masculina) que competem em provas oficiais (INATEL e CML), temos uma secção de atletismo com dezenas de atletas e um grupo de boxe e outro de xadrez que têm treinos regulares há mais de 2 anos.

Entretanto o Solar dos Mouros fechou para dar lugar a mais um lugar inacessível, mas o Relâmpago segue e carrega a marca das pessoas que querem ter o direito a tudo.

SOMOS A MOSCA NA SOPA

Vasco Campos

Nalguns dias por ano, milhares e milhares de pessoas saem à rua em manifestações rituais. Têm já data marcada, a mesma data, sempre a mesma data, ano após ano. O mesmo percurso, as mesmas horas, o mesmo passo lento, o mesmo fim anunciado. As mesmas palavras de ordem, ditas com a mesma falta de entusiasmo. Os mesmos organizadores, os que nos querem representar. O que são estas procissões? Tardes animadoras num contexto político sombrio? Momentos de encontro de companheiros, amigos e conhecidos? Demonstrações de força contra o fascismo? Oportunidade para ocupar durante horas as principais avenidas da capital, tomando o espaço público?

Um pouco de tudo isto, talvez. Mas é preciso muito mais. Pode haver momentos bonitos, mas não são ainda lindos. Porque, como já dizia uma música do José Mário Branco, saímos à rua de cravo na mão, mas saímos à

rua de cravo na mão a horas certas. Lindo mesmo seria tomar tudo com as nossas próprias mãos. As nossas mãos são capazes de tudo. São capazes de se fechar, punhos cerrados, punhos erguidos. São capazes de puxar alguém do chão, de uma leve carícia na cara, de um abraço. Enfim, são capazes e ninguém sabe até onde são capazes. Às vezes até estamos de punhos fechados, mas temos as mãos nos bolsos...

Criticam os protestos violentos, quando a verdadeira violência é ter de pagar para existir, para comer, para viver debaixo dum teto; violentos são os racistas e fascistas. Lindo seria acabar com tudo o que nos fode a vida: os meios de comunicação social, os ministérios, os bancos, os supermercados, a polícia, as prisões, os senhorios e os patrões. Não queremos uma cidadania bem-educada e domesticada, até porque, e nem sequer o lamentamos, de todas as identidades que nos

disseram que tínhamos, a primeira a ir para o galheiro será sempre a da cidadania. Queremos mesmo é que tudo isto deixe de existir, acabar com tudo o que nos domina e controla. Não queremos apenas uma vida melhorzinha, e sim uma vida completamente diferente.

Lindo seria um protesto que não tivesse fim. Não podemos fazer isto só através das bolhas militantes, sem ligação umas com as outras. Precisamos que toda a gente converse entre si para conseguirmos ocupar todos os espaços e podermos ser nós a decidir sobre as nossas vidas, muito além dos nossos locais de trabalho, muito além das nossas famílias, muito além das nossas bolhas. É preciso ir ao encontro dos outros. Mais e mais gente amiga se ia juntar. E não ia haver mesmo ninguém que nos parasse. É um lindo sonho para viver, quando toda a gente assim quiser sentir um amor gigante.

Afonso e Rodrigo

TEMPO

Eu não sei onde o tempo que me corresponde como um direito a sentir está.

Repito.

Eu não sei onde o tempo em que eu tenho permissão para sentir está.

Imersa em obstáculos, eu mais uma vez percebo que preciso ser um vazio para conseguir progredir.

Burocracia, Finanças, Emprego, e a IMENSA necessidade de ser desejada me deixam sem lugar para ser.

Para sentir.

Para escutar os mais profundos sinais da minha depressão.

Para realmente encarar o chamado do que quer que esteja dentro de mim. Eu não ousou nomeá-lo.

Eu não ousou.

Se eu ousar, vou ter que conhecer por um segundo a emoção profunda de uma alma perdida.

E eu não tenho tempo.

Eu lamento.

Ter tempo é tudo que eu quero agora.

Os nós nas minhas costas não têm tempo

para serem desfeitos.

Meu maxilar não tem tempo para se destravar.

Meu corpo não tem tempo para a febre que insiste em vir todo dia desde que a cafeína virou uma das pedras fundamentais dessa nova maratona.

Cada respiração, cada negligência que cometo é uma mistura de maus hábitos e a reunião de forças para alcançar o TEMPO.

Tempo para respirar.

Para silenciosamente me escutar enquanto lentamente abro meu coração e minha alma para mim de novo.

Para respeitar meu lento amadurecimento e tomada de consciência.

E eu me convenço mais uma vez de que todo o esforço vai me dar o espaço e as condições básicas que eu preciso para florescer.

Eu vou prosperar

Eu vou

(mas não sem isso, no entanto)

Eu vivo. Eu morro. Eu vivo de novo.

Eu vivo. Eu morro. Eu vivo de novo.

Eu vivo. Eu morro. Eu vivo de novo.

Até que eu aprendo.

E dessa vez eu vou aprender.

Eu vou.

Só com base no princípio de que a insustentabilidade desse movimento vai ou me matar ou me erguer.

Os nós nas minhas costas estão mais pesados.

O maxilar não lembra o que destravado significa.

A alma está aceitando que nem toda companhia é uma companhia quando a presença é uma ausência e leva toda a energia que me resta.

Eu não quero morrer querendo viver.

Eu não vou morrer querendo viver.

Eu vou viver e então vou morrer.

Eu vou viver e então vou morrer.

Eu vou morrer vivendo.

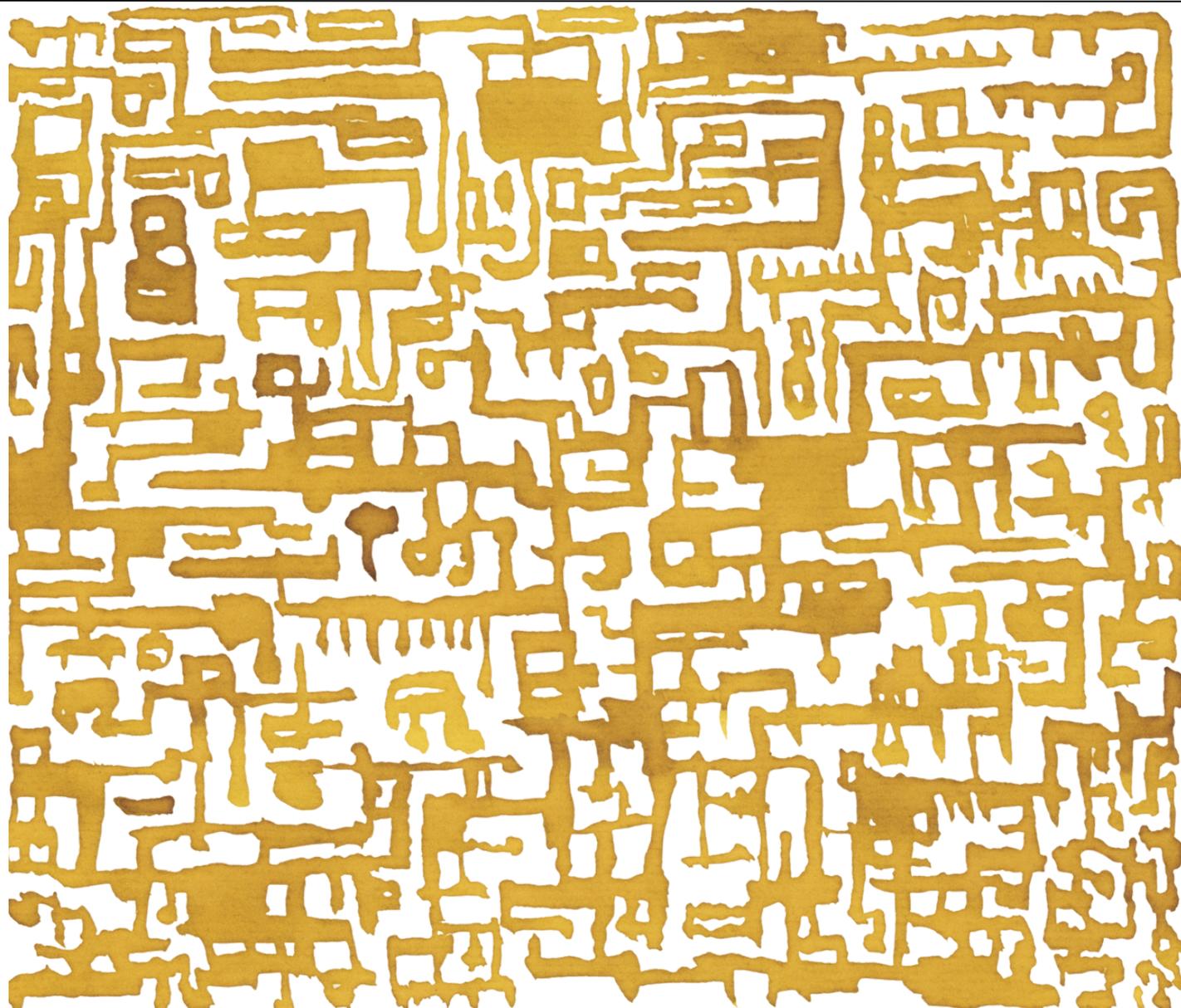
Eu preciso do Tempo.

Eu vou ter o Tempo.

Eu mereço o Tempo.

É uma promessa.

Brunna Lopes



FIND YOUR WAY

Leonor Freitas

CONFISSÕES

— Mas a igreja não tem nação, Pedro. E Deus, de quem sou o único servidor, muito menos. As nações tentam controlar a fé, mas a vida espiritual está fora das legislaturas destas. Como disse, somos todos iguais perante o Senhor, e mesmo se Ele deu a César o que lhe pertence, a escolha entre o bem e o mal estará sempre no domínio da consciência de cada um, e da liberdade que o nosso Senhor ofereceu aos homens para escolherem o bem, libertando-os da servidão dos deuses e ritos antigos, das Fúrias que teciam os destinos macabros de homens, heróis e deuses. Foi na cruz que nos ofereceu a redenção, e cabe-nos a nós ajudar essa nova vida a triunfar sobre a morte.

As palavras, ditadas com um volume crescente, começavam a ecoar na igreja vazia daquela manhã. E também no espírito do jovem.

Uma vez terminado o sermão, Pedro levantou-se, dirigiu-se para o Padre Jerónimo e, abaixando-se, beijou as mãos daquela figura paternal. O padre deixou Pedro agradecer à sua maneira, maneira essa a que as velhas senhoras da aldeia o tinham habituado. Pedro ergueu então a cabeça e, fazendo uma vénia, virou-se com pressa em direção à saída. O Padre Jerónimo, satisfeito por aparentemente ter ajudado o conterrâneo, parecia ainda algo confuso com a bizarra interação que acabara de ter lugar na sua igreja. Há quanto tempo não via Pedro? Dez, quinze anos? O que fazia ele ali? — o que fazia ele realmente ali?

Quando saiu da igreja, Pedro dirigiu-se para uma pequena vereda inúmeras vezes utilizada pelas gentes da aldeia que desciam até ao riacho durante as longas tardes de verão. À medida que ia descendo, viu-se invadido por uma sensação estranha e desconfortável; uma espécie de castigo espiritual parecia puxá-lo para baixo, em direção ao riacho. O murmúrio das águas, chocando com as pedras lisas e umas poucas árvores caídas, intensificava-se.

Passado um minuto, chegava ao riacho. Esperavam-no dois homens com um ar urbano, barbas feitas, mais velhos do que Pedro, embora ainda jovens o suficiente para carregar os quilómetros do monte. Um esperava impaciente, fumando um cigarro e andando de um lado para o outro. O outro estava sentado numa rocha, balançando os pés por cima do riacho.

— Então!? — exclamou o primeiro, assim que avistou Pedro.

— Parece-me que vossas suspeitas estão confirmadas.

— A sério? O que te disse ele? —, respondeu o homem, estupefacto.

PARTE FINAL

— Aquilo que suspeitavam —, declarou secamente Pedro. — O padre não me parece acreditar na legitimidade das autoridades, e a dada altura não percebi se estava a falar do Cristo ou do Lenine.

— Incrível! Estás a ver? —, disse então o agente, virando-se para o colega sentado na rocha.

— Com que então até os padres! Temos vários elementos de suspeita, mas o facto de ser descarado e dizer estas coisas a um quase desconhecido que o visita só piora as coisas. Não sei se podemos ter um padre a pregar estas coisas, não interessa se estamos mais perto de Espanha do que de Lisboa. Enfim temos o que precisamos. — concluiu. Nesse momento, atirou o cigarro para o riacho e assobiou para o colega, que continuava a balançar os pés em contraponto. — Parece-me que o padre está a precisar de falar um pouco mais. Vamos à missa! — cuspiu o agente entre risos, antes de se virar de novo para Pedro, oferecendo-lhe um pequeno saco escuro. — Aqui tem. Veja lá, aproveite e leve a sua mãe para a cidade, onde pode ser tratada. Se precisarmos de si outra vez, o nosso Abel pôr-se-á em contacto consigo. Não nos esqueçamos de quem trabalha nas sombras — prometeu por fim num tom sério.

Os dois agentes, que não vestiam qualquer peça oficial, dirigiram-se então pela vereda acima. Pedro, que olhava ainda para o saco que tinha na mão, sentiu um sabor ácido saltar-lhe à boca. Agachou-se e tentou suprimir as lágrimas que de repente o assaltavam. O ruído do riacho já não era apenas um murmúrio distante, mas antes soprava como um vento torrencial.

Quando se recompôs, decidiu subir por outra vereda que passava por trás da igreja. Foi subindo, ainda desolado, forçando e carregando aquele corpo fraco e esguio. — “Que fiz eu?” — lamentou-se. Devastado mas de certo modo rendido a seu fado, continuou a subir pela vereda, pensando naquele padre tão amável e no sermão que lhe dera. — “O último sermão do padre Jerónimo não podia ter sido melhor” — pensou então.

Quando chegou ao topo daquele monte, viu o milagre que se lhe oferecia e que nos últimos anos quase deixara de conhecer: a ternura dos montes verdes e vastos, as imponentes vinhas em cascata, o leve cheiro de pinheiros bravos, a memória das tardes que passara no monte, e o riacho que de novo bafejava uma leve e distante melodia. Os sinos dobravam as doze harmoniosas. Ali por perto resplandeciam os primeiros rebentos de malvas lilases. O inverno, teimoso, começava por fim a levantar o seu cerco.

Daniel Torres Pacheco

RECEITA PARA CULTIVAR GENGIBRE

INGREDIENTES

Um rizoma de gengibre fresco

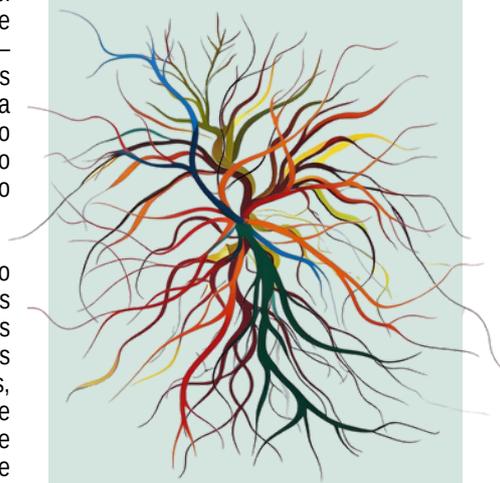
Um vaso largo e baixo

Substrato de terra, composto e areia

Água

PROCEDIMENTO

1. Lavar o gengibre para retirar possíveis químicos e submergir em água durante 3-4 horas.
2. Meter dentro de um saco de plástico e fechá-lo para favorecer que brote.
3. Depois de aproximadamente uma semana, quando tiver brotado, partir o gengibre deixando um rebento em cada pedaço.
4. Encher o vaso com o substrato, que deve ser largo porque o rizoma cresce na horizontal.
5. Colocar os pedaços de gengibre separados uns dos outros, sobre o substrato, e pressionar suavemente com os dedos, sem os enterrar completamente e deixando os rebentos para fora.
6. Regar ligeiramente, a cada dois ou três dias, de forma a que o substrato esteja sempre húmido.



Rizoma
Imagem gerada por IA

